

# AS FALAS DO CORVO: UMA ANÁLISE DA INTERDISCURSIVIDADE E DOS EFEITOS DE SENTIDO, NA POESIA “O CORVO”, DE EDGARD ALLAN POE.

*David de Oliveira Limar*<sup>1</sup>, *Teresinha de Fátima Nogueira*<sup>2</sup>, *Marco Antonio Villarta Neder*<sup>3</sup>

<sup>1</sup>UNIVAP - Faculdade de Educação/Letras, R. Tertuliano Delfim Junior 181 - Jd Aquáriu, S. J. dos Campos/SP, evangelinus@gmail.com

<sup>2</sup>UNIVAP - Faculdade de Educação/Letras, R. Tertuliano Delfim Junior 181 - Jd Aquáriu, S. J. dos Campos/SP, terenog@univap.br

<sup>3</sup>UNIVAP/ IP&D - Laboratório de Pesquisa e Documentação Histórica / Mestrado em Planejamento Urbano e Regional. Av. Shishima Hifumi, 2911, Urbanova - S. J. dos Campos/SP. E-mail: marcovn@univap.br

**Resumo-** O presente artigo consiste em uma síntese de uma pesquisa mais abrangente, ainda em processo, e objetiva apresentar uma análise do interdiscurso presente na materialidade do poema “O Corvo” de Edgard Allan Poe, bem como possíveis efeitos de sentido oriundos dessas relações interdiscursivas. Para tanto, fundamentamos nosso estudo nas abordagens teóricas da Análise do Discurso da escola francesa, associadas a uma pesquisa mais ampla, de caráter justificativo, onde as relações interdiscursivas abordadas são elucidadas na materialidade de obras específicas que tratam dos discursos que foram analisados e que se fazem presentes no corpus do poema. Na pesquisa verificamos que discursos diversos se ligam constitutivamente no corpus do poema, como exposto através de Bulfinch (2000), possibilitando, com isso leituras diferentes, e até antagônicas, da mesma obra.

**Palavras-chave:** O Corvo, Edgard Allan Poe, análise do discurso, interdiscurso, efeitos de sentido.

**Área do Conhecimento:** Lingüística, Letras e Artes

## Introdução

Provavelmente, a poesia-conto “O Corvo”, seja a obra mais famosa do escritor norte-americano, Edgard Allan Poe e, talvez, uma das poesias mais conhecidas e traduzidas pelo mundo. Na história, o narrador nos relata um fantástico encontro que tem com um corvo, numa noite sombria, enquanto tenta se esquivar das perturbantes lembranças de Lenora, segundo ele, sua companheira falecida. Apesar das primeiras impressões, este não é um corvo qualquer. É um corvo que fala e que, com seu discurso monótono, irá acentuar ainda mais a tormenta na alma do protagonista.

Ao lermos críticas e análises da poesia, podemos observar que, via de regra, ele é lido a partir de uma única posição: a do narrador, associada a uma pré-concepção romântico-platônica de mundo. É comum vermos nestas leituras o protagonista sendo chamado de “herói” ou “rapaz”, por exemplo (FITTIPALDI, 2006:49). Tais conclusões, ou efeitos de sentido, são perfeitamente possíveis, mas, se partirmos de uma abordagem atenta através do foco da análise do discurso, veremos que não são as únicas e que a presença do interdiscurso na materialidade do poema, possibilita muitos outros efeitos de sentido, inclusive, efeitos totalmente antagônicos aos já citados. apresentar uma análise do interdiscurso presente na materialidade do poema “O Corvo” de Edgard Allan Poe, bem como possíveis efeitos de sentido oriundos dessas relações interdiscursivas

Orlandi (2005:31) nos diz que o interdiscurso é definido como aquilo que fala antes, em outro lugar, independentemente.(...)o saber discursivo que torna possível todo dizer e que retorna sob a forma do pré-construído, o já dito que está na base do dizível, sustentando cada tomada da palavra. O interdiscurso disponibiliza dizeres que afetam o modo como o sujeito significa em uma situação discursiva dada. Este trabalho tem por meta, então, analisar este já dito, muitas vezes desconsiderado, mas presente no dizível de Poe, salientando, através dessa análise, a possibilidade plural de efeitos de sentido em lugar da leitura homogeneizante comumente adotada.

## Materiais e Métodos

Para analisarmos a poesia, fundamentamos o presente trabalho, na tradução de Machado de Assis e em uma dupla pesquisa bibliográfica simultânea, sendo a primeira de caráter teórico, nos estudos da Análise do Discurso da escola Francesa, e a segunda de caráter corroborativo, em outras obras que tratem especificamente de cada um dos discursos que abordaremos à partir do interdiscurso materializado na obra.

## Resultados

Analisando a poesia, pudemos notar a presença de discursos outros constitutivamente emaranhados na tecitura da obra de Poe.

Elementos cristãos são evocados, quando o protagonista, por exemplo, nomeia a ave de “profeta” e “demônio” (POE, 2007). Ou ainda elementos da mitologia greco-romana, quando o narrador nos diz que, ao entrar pela janela, a ave pousa sobre um busto de Palas. Mas quem é Palas? Para buscarmos respostas a essa questão, utilizaremos deste recorte no corpus do poema e analisaremos as relações interdiscursivas do elemento mitológico citado.

Segundo Bulfinch (2000: 130) *Minerva (Palas), a deusa da sabedoria, era filha de Júpiter, mas não tinha mãe. Saíra da cabeça do rei dos Deuses, completamente armada. A coruja era sua ave predileta e a planta a ela dedicada era a oliveira. O historiador ainda nos diz que, certa feita, quando uma mortal, de nome Aracne, desafiou Palas, a deusa muito ponderadamente, se disfarçou na forma de uma velha e veio aconselhar Aracne para que esta se arrependesse de suas palavras, garantindo que, com isto, alcançaria misericórdia da deusa. Aracne recusa os conselhos e só então, frente a arrogância da mortal, é que Palas se manifesta.*

Porém a pergunta “Quem é Palas?” pode ser respondida ainda de outra forma. Há também na mitologia grega, mais especificamente na Eneida de Virgílio, um personagem masculino, mortal, também chamado Palas. Ele é filho do rei Evandro, aliado dos troianos e do heróico guerreiro Enéias, na luta contra Turno e os rútuos. Conta-se que Palas, em meio a batalha, em uma luta desigual, defronta-se com Turno e encontra, na lança do rútuolo, a sua morte. Após isto Enéias desafia Turno para um confronto final, mas Turno o evita o máximo que pode. Ao perceber que as investidas contra os troianos não dão os resultados esperados e que seus aliados começam a murmurar, questionando sua autoridade, Turno aceita o combate. Desprovido da ajuda dos deuses, o rútuolo cai vencido por Enéias e clama por misericórdia. Ele a teria concedido, mas sua ira reacende ao ver o boldrié de Palas em posse de Turno. Enéias, então, o atravessa com sua espada proferindo as seguintes palavras: *É Palas que te imola!* (BULFINCH, 2000:339).

## Discussão

Diante de tais abordagens discursivas podemos pensar na possibilidade não apenas de um sentido intencionado para o texto, mas efeitos de sentido resultantes da interação com *aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito.*(ORLANDI, 2005:43) isto é, as formações discursivas, particulares dos leitores com o texto. É o que Pêcheux define ao falar sobre

interdiscurso: *o sentido de um texto nunca pode estar declarado a priori pelo seu autor, mas é antes o resultado das relações complexas dos usos da linguagem com as formações discursivas.* (PÊCHEUX apud CEIA, 2007). Afinal, se nós, de posse do discurso mitológico greco-romano, entendermos Palas como sendo a deusa Minerva, podemos ser levados a pensar que a austera voz do corvo, vinda do busto de Palas, seria uma figura da sabedoria, da consciência, que adverte o protagonista a aceitar a dura realidade contra a qual seus sentimentos lutam.

Porém, se ao lermos a obra, considerando que Palas é a vítima de Turno, da Eneida, é bem possível que entendemos a súbita investida do corvo como uma analogia à tragédia de Virgílio, onde a voz calada pelo tirano é agora personificada em outro, que clama por justiça ou vingança, e com o poder de subjugá-lo. Conseqüentemente já não seria difícil enxergar o protagonista do poema como a vítima que sofre nas mãos de um ser caprichosamente malévolo, mas o responsável pela morte de Lenora, tendo de enfrentar impotente a voz outrora silenciada.

Se consideramos ainda nossa situação atual, de posse de ambos os discursos, poderíamos ter um terceiro efeito, no qual a dúvida se instauraria pela pergunta: Sobre o busto de qual Palas se assenta o corvo? Tomados agora por tal clima de mistério teríamos uma efeito a mais para entrarmos em consonância, não apenas com o espírito do poema, mas de toda a natureza da obra de Poe.

Não queremos, ao salientar tais efeitos, nos restringirmos a eles como finais ou únicos, mas através deles trazer à luz, não apenas a presença do interdiscurso, mas também exemplos possíveis de efeitos diversos que surgem como resultado desta presença.

## Conclusão

Segundo a Análise do Discurso, todo texto é interdiscursivo por natureza. Como dissemos no início, todo discurso constrói o seu dizer sobre um já dito. Porém é na aquisição destes vários discursos que significaremos todo e qualquer texto de forma mais ampla e profunda. Para o texto de Poe, as relações interdiscursivas são fundamentais uma vez que sua obra se dedica a abordar o mistério, não apenas pelo clima aterrorizante de sua narrativa fantástica, mas especialmente por abordar as dicotomias do homem, suas contradições, que são também, de certa forma, representadas no discursos, muitas vezes divergentes e contraditórios, presentes na materialidade de sua obra.

Porém, a contribuição do interdiscurso é muito mais ampla se considerarmos que a incapacidade de leitura, inclusive de obras literárias (cheias de referências e inferências marcadas histórica, social

e ideologicamente) está menos ligada à ausência de letramento do que à não-aquisição do pré-construído nos textos. Muitos não se interessam, ou perdem o interesse, pela literatura não por não saber ler no sentido de decodificar o texto, mas pela incapacidade de significar certos elementos das obras literárias, e isto se deve, a nosso ver, exatamente por não estarem de posse desta pluralidade de ditos. O que pode acontecer em decorrência disto, por outro lado, é a dependência da significação do outro, onde o leitor, ao não significar por si, acabará dependente daqueles que significaram sem atinar para o fato de que, com isto, se sujeita ao outro em uma relação de poder instituída pelo conhecimento, via de regra, opressora e silenciadora.

Creemos diante disso, que a literatura (mais especificamente, a de Poe, no nosso caso) com toda sua constituição interdiscursiva, se faz lugar privilegiado como ponto de partida para a aquisição e aprofundamento no conhecimento de mundo do leitor, como também para formação de indivíduos cada vez mais autônomos, e isto a partir da resignificação reflexiva de suas próprias leituras.

### Referências

- BULFINCH, Thomas. O Livro de ouro da mitologia . Rio de Janeiro: Ediouro, 10ª edição, 2000.
- CEIA, Carlos. Interdiscurso e intradiscurso. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edlt/verbetes//interdiscurso.htm>. Acesso em 12 de junho de 2007.
- FITTIPALDI, Eliane. Asas da permanência. In: Discutindo literatura. Organizado por Clenir Belenezzi de Oliveira. Dão Paulo: Escala Educacional, 2006.
- ORLANDI, Eni Puccinelli Análise de discurso: princípios e procedimentos. Campinas, SP: Pontes, 6ª edição, 2005.
- POE, Edgard Allan, O corvo. Trad. Machado de Assis, 1883. Disponível em: <http://poetas.mortos.sites.uol.com.br/corvo.htm> Acesso em 13 de agosto de 2007.